



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS. SEGUNDA SÉRIE.

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1926 | Número: 36

Como citar este documento:

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. Segunda série. *Revista de Guimarães*, 36 (2-3) Abr.-Set. 1926, p. 116-119.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Cançãoeiro de S. Simão de Novais

(segunda série)

coligido por

Fernando de Castro Pires de Lima

(Cont. de pág. 246 do vol. anterior)

828

No meio daquele mar
'stá uma pombinha verde ;
nem é pomba, nem é nada :
é raiz da cana verde. (1)

830

No tempo que te eu amava,
melhor amara um burro :
andava a cavalo nele
e já não perdia tudo...

832

Nunca vi figueira torta
dar um figo na raiz :
nunca vi rapaz solteiro
ter assento no que diz !

834

O' ai, ó linda !
A tua saia
fica-te bem
à moda da Maia.

836

O' alta serra de neve,
onde se seca a cambraia !
Quem é branco não se suja,
'inda que na terra caia.

829

No tempo que eu te amava,
melhor 'stivera doente ;
tempo tam mal empregado,
dado de tam boamente...

831

No tempo que te eu amava,
melhor amasse um jumento :
andava a cavalo nele,
já não perdia o meu tempo...

833

Nunca vi o sol à noite,
nem estrêlas ao *mei-dia* ;
nunca vi o meu amor
quantas vezes eu queria !

835

O' ai, ó linda !
O teu *saiôto*
fica-te bem
à moda do Pôrto.

837

O amor que me mandaste
meti-o no gavetão ;
se fôsse o teu verdadeiro,
guardava-o no coração...

(1) Cf. 207, 442.

838

O' anda, meu amor ! anda
à Igreja dar a mão :
tapar a bôca ao mundo,
descançar meu coração.

840

O' Arminda ! O' Armindinha !
O teu pai 'stava a chamar :
foram dizer ao quartel
que estavas c'um militar.

842

O' balancé, balancé,
balancé da noite escura !
O' minha Salve-Rainha !
O' minha vida, doçura !

844

O cantar da meia noite
é um cantar excelente :
acorda quem 'stá dormindo,
alegra quem 'stá doente.

846

O' cemitério de Nine,
de volta tudo são fitas !
O' terra, que já comeste
tantas moças tam bonitas !

848

O coelho é matreiro,
dorme c'os olhos abertos :
eu durmo c'os meus fechados,
porque tenho amor's certos...

850

O' coração retraído !
O' cara cheia de engano !
Olha a paga que me deste
por eu te amar tanto ano !

852

O' do vira, vira !
Eu hei-de virar
um copo de vinho
c'o fundo p'ra o ar.

839

O' Arminda ! O' Armindinha !
O seu pai chora bastante :
foram dizer ao quartel
que estavas c'um estudante.

841

O' balancé, balancé,
balancé da escuridão !
As mulheres comem num'prato,
os homens num gamelão.

843

O Baptistinha da vila
tem um lenço de ouro fino,
lavado na fonte santa,
còrado no céu divino.

845

O' castelo de Viana,
bota bandeira de luto !
O meu amor vai-se embora :
tenho pena, choro muito...

847

O' castelo de Viana,
bota o fogo que quiseres !
Na batalha dos amores
quem ganha são as mulheres...

849

O' coração das três penas,
dá-me uma que eu 'stou à morte :
uma pena não é nada
para quem 'stá desta sorte.

851

O diabo leve os homens,
aqueles que bebem vinho ;
o senhor conserve o meu,
que êsse bebe pouquinho.

853

O' estrêla da manhã,
'spera por mim, que já vou !
'spera p'ra me alumiares,
que o luar acabou.

Variante da 332 :

no domingo à trindade

854

O' freguesia de Arnoso,
as costas te vou virar!
A maior pêna que tenho
é o meu amor lá ficar... (1)

856

O' José, lindo José!
Lindo espelho de vestir!
Quem te pôs o nome Zé
vai ao céu e torna a vir!

858

O' Laura! querida Laura!
Não me passes ao jardim:
já rasguei as tuas cartas,
o retrato é p'ra mim...

860

O' Laurindinha!
Bolacha Maria!
Morra a República!
Viva a Monarquia!

860

O' Laurindinha,
casca de sobreiro!
Morra Afonso Costa!
Viva o Couceiro!

860

O' Laurindinha!
Laranja, limão.
Quem não tem amores,
não sabe o que é bom.

861

Olha o diabo da velha,
p'ra o que lhe havia de dar!
Ela vê casar as novas,
ela também quer casar. (3)

863

Olhos pretos, roubadores,
porque vos não confessais?
O' delitos que fazeis!
O' corações que roubais!

855

O' freguesia de Nine!
Hei-de te mandar varrer
com uma vassoura de prata,
que de ouro não pode ser. (2)

857

O' José, lindo José!
O' José, lindo rapaz!
Teus olhos são de garoto,
não sei se me enganarás...

859

O' Laura! querida Laura!
Não passes à minha porta:
já rasguei as tuas cartas,
teu retrato não me importa.

860

O' Laurindinha!
casca de noz!
Sou pequeninha,
chego p'ra vós!

860

O' Laurindinha,
és e hás-de ser,
és tôda minha
até morrer!

860

O' Laurindinha,
tu és, tu és, tu és,
tu és tôda minha
da cabeça até aos pés!

862

Olhos pretos, olhos brancos,
olhos azuis, olhos verdes:
olhos desta qualidade
em poucas caras os vedes. (4)

864

Olhos pretos são ciúmes,
os meus olhos pretos são;
tenho ciúmes nos olhos,
firmeza no coração.

(1) Cf. 73, 468.

(2) Cf. 43.

(3) Cf. 379.

(4) Variante da 156.

865

Olhos pretos são formosos,
os brancos são cavalheiros;
os olhos acastanhados
são os que são verdadeiros.

867

O' luar, alumiai-me!
O' estrêla, daí-me luz!
Eu quero ir ao serão
ao S. Tiago da Cruz.

869

O' mana, vains embora,
que a Senhora Mãe chamou:
devemos de respeitar
uma Mãe que nos criou!

871

O' Manuel, Manuel,
toma lá! Toma lá!
Meu coração
recebe-o lá!

873

O meu amor amou,
eu também hei-de amuar:
não torno a falar p'ra êle,
sem êle p'ra mim falar...

875

O' meu amor, a quem deste
o lencinho das pintinhas?
Diz-me com quem repartiste
a amizade que me tinhas.

877

O meu amor, coitadinho,
chora de noite na cama;
chora que já foi amado.
agora ninguém o ama!

866

O' loureiro! O' loureiro!
O' loureiro, baga preta!
Pede a Deus que eu não falte,
muito mais que te eu prometa.

868

O' luar da meia noite!
Tu és o meu inimigo:
'stou à porta de quem amo,
não posso entrar, contigo...

870

O manco e mais o coxo
e mais o *corcovado*
foram todos de visita
a casa do esquadrihado.

872

O' Maria, dá-me lume,
que eu bem o vi luzir!
bota o meu amor cá fora,
que eu bem o vi p'ra lá ir...

874

O' meu amor, anda, anda,
à Igreja dar-me a mão,
tapar a bôca ao mundo,
alegrar meu coração! (1)

876

O meu amor, coitadinho,
chora de noite e de dia;
êle chora com tristeza,
e eu canto com alegria...

878

O meu amor, coitadinho,
de repente adoeceu;
faltaram-lhe os meus carinhos:
pode dizer que morreu! (2)

(Continua).

(1) Cf. 233.

(2) Variante: não pôde viver... morreu!